



ENTENDENDO OS CAVALOS:

COMPORTAMENTO DE MANADA E
PRINCÍPIOS DA COMUNICAÇÃO

www.experientiaequus.com.br

Sumário

1 - Apresentação.....	03
2 - Comportamento de manada.....	07
3 - Princípios da comunicação e sinais.....	19
3.1 - Lamber os lábios e fazer movimento de mastigação...	21
3.2 - Abaixar a cabeça.....	23
3.3 - Mexer a cabeça num eixo horizontal, bocejar, suspirar ou estrebuchar.....	25
3.4 - Desapoiar uma das patas traseiras.....	26
3.5 - Piscar os olhos rapidamente.....	28
3.6 - Abanar a cauda lentamente e na horizontal.....	29
4 - Reconhecimento mútuo.....	32
5 - Muita comunicação com poucos sons.....	35
6 - E para finalizar.....	42



Olá!

Meu nome é Ulysses Fernandes Ervilha. Há mais de uma década estudo como os cavalos se comunicam e o que eles e nós devemos aprender para conviver harmoniosamente.

Tanto os cavalos quanto os humanos passaram por um processo evolutivo que os levou a desenvolverem linguagem própria. Contudo, a partir do momento que nós resolvemos trazer os cavalos, seja para trabalho ou lazer, para nosso convívio, passamos a ter a necessidade de compreendê-los. A origem latina da palavra 'comunicação' significa 'partilhar', 'participar algo', 'tornar comum'.

Acredito que interagir respeitosamente com cavalos exige amor, linguagem e liderança. Ausência ou falha em um desses três itens gera algum tipo de sofrimento. Aliás, o nível de partilha que haverá entre homem e cavalo dependerá essencialmente do homem.

Os cavalos não possuem a capacidade de aprender nossa linguagem, simplesmente porque o estado de desenvolvimento cerebral deles não permite. Isto, porém, não significa impossibilidade de comunicação, só nos comunicaremos com eles se entendermos e utilizarmos a estrutura de linguagem desenvolvida por eles durante milhões de anos. Neste e-book divido com vocês informações sobre o que significa ter comportamento de manada e como os cavalos se comunicam.

Antes, eu gostaria de suscintamente me apresentar. Atualmente sou professor Livre Docente da disciplina de Biomecânica do movimento humano e cientista na Universidade de São Paulo - USP. Graduado em Matemática e em Fisioterapia, fiz mestrado e doutorado em

Biomecânica na Universidade de São Paulo e obtive o título de PhD em Engenharia Biomédica na Universidade de Aalborg-Dinamarca.

Em paralelo à carreira acadêmica, sempre estive envolvido com cavalos de alguma maneira, seja como aluno de hipismo clássico, quando eu era muito jovem, participando de cavalgadas ou mesmo desenvolvendo metodologias de análise biomecânica da marcha de equinos.

Apesar dos quarenta anos de convívio com cavalos, assim como a maioria dos cavaleiros e amazonas, minha formação inicial foi em equitação, não em comunicação ou estudo do comportamento dos cavalos. Equitação significa “técnica ou exercício de andar a cavalo”, não importa a modalidade.

Comparo o ato de andar a cavalo sem conhecer a visão deles de mundo, seus comportamentos e necessidades, com o ato de usar um aparelho altamente sofisticado sem ao menos ler o manual de instruções. O “equipamento” pode até funcionar, mas se beneficiar da plenitude da engenharia por trás dele e, portanto, do máximo de suas funções

depende de quanto você o compreende.

A base dos comportamentos de cada indivíduo de uma espécie depende de como a espécie se organiza para ter segurança, buscar alimento e reproduzir. Os cavalos não são seres solitários e se organizam em manadas. Entender como funciona uma manada é a chave para entender como os cavalos se comunicam, se relacionam e reagem às mais diferentes situações.

Tenho lido as novidades sobre comunicação e comportamento dos cavalos, que são publicadas em revistas científicas do mundo todo, eu estudo e organizo essas informações num linguajar e estrutura que permitem imediata aplicação prática do conteúdo. Tenho enorme prazer em fazer isto e sinceramente quero compartilhar aquilo que mudou minha vida nos mais diversos aspectos. Estudo a fundo o comportamento dos cavalos e como eles podem interagir com os homens. Abordar o assunto com sensibilidade e baseado em ciência é o que me motivou a escrever este e-book.

COMPORTAMENTO DE MANADA



Mesmo após séculos de domesticação, os cavalos mantêm a essência do comportamento de seus ancestrais. Uma das características que mais influencia nos diversos tipos de comportamento apresentados pelos cavalos é o fato deles serem animais formadores de manada. Muitos comportamentos que observamos nos cavalos modernos só ocorrem porque eles têm necessidades relacionadas ao convívio em grupo.

Isto é um fato facilmente observável.

Basta soltar ao pasto um grupo de cavalos, mesmo que desconhecidos entre si. Em pouco tempo eles estarão pastando em grupo, dormindo um próximo ao outro e bebendo água no mesmo horário. Mesmo se observarmos cavalos em piquetes individuais, mas com vizinhos nos piquetes próximos, veremos o chamado comportamento de manada. Quando um galopar, correr e pular, este será seguido pelos vizinhos. Ao pastar, eles estarão próximos e vizinhos de cerca trocarão contato físico com a boca, mordiscando mutuamente a cara e o pescoço.

Alguns fatores forçaram os cavalos a evoluírem como uma espécie que vive em grupo. Um deles se deu no processo evolutivo dos herbívoros. Aqueles que se adaptaram a um tipo específico de gramínea e a encontraram numa determinada área, desenvolveram comportamento individualista e territorialista, dada a possibilidade de permanecer num só local para obter alimento. Neste caso, não havia necessidade de formar manadas e haréns, bastando aos machos dominantes defenderem um território e acasalarem com as fêmeas que adentrassem seu território. Animais que viveram assim por milhares de anos não são capazes de formar vínculos duradouros e por isso, não são domesticáveis, a exemplo de algumas subespécies de zebra.

Já os cavalos, se comparados a herbívoros altamente seletivos quanto à alimentação, podem ser considerados generalistas a ponto de sobreviverem buscando alimento nas mais variadas pastagens. Isto possibilitou a sobrevivência deles como nômades. Por ser muito mais seguro para o indivíduo viajar

em grupo e mais seguro para a perpetuação da espécie que este grupo seja composto por machos e fêmeas, os cavalos evoluíram formando haréns, o que os obrigou a desenvolver a capacidade de formar vínculo duradouro. A presença do garanhão próximo às fêmeas durante os grandes deslocamentos em busca de água e pastagens garante que haverá acasalamento quando elas estiverem no período fértil.

Pertencer a uma espécie que vive em grupo faz toda a diferença no modo e na sofisticação da dinâmica de comunicação. Afinal, não faz muito sentido fazer parte de uma manada se os elementos que a compõem não conseguem se comunicar ou distinguir quem é quem dentro do grupo. Por isto, os cavalos têm grande necessidade de olhar, cheirar e em menor escala, fazer sons para reconhecimento mútuo. Por serem animais que evoluíram em grandes pastagens e, portanto, espaços abertos, os cavalos desenvolveram um sofisticado repertório de gestos para comunicação, dispensando a necessidade de sons.

Animais que vivem em florestas são obrigados a se comunicar por sons, sendo que gestos são pouco efetivos. Cavalos, diferentemente da maioria das espécies de mamíferos, são capazes de realizar sofisticada mímica facial. Isto se deve à grande quantidade de músculos da face que eles conseguem controlar. Por isto eles são capazes de reconhecer nossas expressões faciais e de se comunicar à uma curta distância e sem fazer barulho.

Numa manada, muitas vezes somente suaves movimentos realizados pelos músculos da boca e face são utilizados para comunicação. Esta capacidade de reconhecer o outro explica porque alguns cavalos se comportam mal quando manuseados ou montados por determinadas pessoas e se comportam muito bem quando por outras, mesmo que sejam pessoas com nível similar de equitação. Eles reconhecem as pessoas e se comportam de acordo.

Pessoas cuja vida diária inclui contato frequente com diversos cavalos afirmam, desde há muito

tempo, que os cavalos são capazes de reconhecer nosso estado emocional, reconhecendo se estamos felizes, tristes ou com raiva. Eu mesmo ouvi isto de meus instrutores de hipismo há mais de 40 anos. A questão é que naquela época havia poucos estudos sobre comportamento dos cavalos. O conhecimento, muito útil por sinal, era passado informalmente.

Recentemente, um grupo de cientistas do Reino Unido realizou um experimento em que cavalos domesticados foram expostos por alguns minutos a fotografias de rostos de seres humanos com expressão de alegria ou de raiva. Horas depois, a pessoa cujo retrato (de alegria ou raiva) havia sido mostrado ao cavalo, caminhava até a baia onde estava o cavalo. Sem saber qual das fotografias o cavalo havia visto, a pessoa ficava estática mantendo a expressão facial a mais neutra possível. Quando a fotografia previamente apresentada ao cavalo mostrava uma feição de raiva, o cavalo apresentou comportamentos negativos (irritação, tendência à fuga, nervosismo, entre outros). Se na fotografia mostrada a pessoa estava alegre,

o cavalo apresentou comportamentos positivos (curiosidade, relaxamento e tranquilidade).

Não tenho dúvidas de que meus antigos instrutores sabiam o que estavam falando. Pena que eles não estão vivos para ver como a ciência pode nos ajudar a explicar com mais detalhes assuntos tão interessantes.

Vale ressaltar que a capacidade de identificar o outro, bem como o estado emocional deste, tem ao menos dois propósitos: reconhecer aqueles que pertencem à manada e saber qual é o patamar hierárquico ocupado por cada um. É por isto que é importante estabelecer um padrão seguro de comportamento quando se lida com cavalos. O comportamento do cavalo que se vê como dominante é muito diferente do comportamento daquele que assume o papel de liderado. Ambos papéis são importantíssimos na manada e é graças a distribuição de elementos dentro de uma hierarquia que o grupo consegue superar os obstáculos do dia a dia. Não existe manada composta somente por dominantes, tão pouco somente por dominados.



Quando homens e cavalos convivem, forma-se uma manada de dois ou mais elementos. A partir da formação do grupo é fundamental o estabelecimento de papéis bem definidos. Há de se determinar quem é o líder e este, por razões de segurança, tem que ser o homem. Os valores atribuídos ao líder são valores sociais humanos. Para os cavalos, tanto faz quem é o líder, desde que este se comporte como tal. Numa manada de cavalos a liderança é uma questão de competência, não de competição. Dada a complexidade das experiências

sociais humanas, nós tendemos a dar muita importância ao líder, atribuindo a ele um grau de superioridade. Não há qualquer evidência de que isto ocorra entre os cavalos. Prova disto é que tanto um garanhão quanto uma fêmea alfa podem subir e descer na escala hierárquica da manada inúmeras vezes ao longo da vida. Ao compreendermos que líder e liderado são membros de mesmo valor dentro de um grupo, sendo que o que os difere é exclusivamente determinadas habilidades e atitudes, estamos preparados para permitir que o cavalo exponha toda sua exuberância.

Embora na literatura científica sobre comportamento equino exista controvérsia quanto ao uso do termo líder, quando se trata da organização social dos cavalos, manterei este termo para facilitar o entendimento do texto.



Cavalos selvagens disputam a liderança da manada lutando. Contudo, há sempre, além de um garanhão alfa, uma fêmea dominante, normalmente mais experiente. Nas viagens da manada em busca de água e boas pastagens, a fêmea dominante é quem guia o grupo. Nestes casos, o garanhão dominante se torna um seguidor, assim como todos os outros membros do grupo.

Para ser o líder ou o guia, há a necessidade de possuir algo em especial (habilidades e atitudes) que os outros precisam e não têm naquele momento. Neste caso, se a fêmea mais experiente sabe onde levar o bando, nada mais eficaz do que segui-la. Em outras circunstâncias, a força bruta é mais importante. Quando líder e liderados estão ajustados quanto às competências e importância individual, todos caminham na mesma direção, um depende do outro e a presença de um traz segurança e confiança ao outro. Isto é sincronia.



PRINCÍPIOS DA COMUNICAÇÃO E OS SINAIS



Ao domesticar os cavalos, nós os colocamos diante de desafios não programados pela natureza. Isto significa que para termos um convívio harmonioso precisamos oferecer a eles condições de associar comportamentos inatos às condições ambientais criadas por nós. Para tanto, precisamos saber quais são os comportamentos naturais dos cavalos, o que eles querem transmitir através de sinais, sons e gestos. Precisamos conhecer a linguagem, essencialmente não verbal, deles. Também

temos que conhecer as necessidades de um animal que vive em manada e é presa de grandes predadores.

O que faz um animal que vive em grupo se sentir protegido é bem diferente do que traz sensação de proteção para um animal solitário. O cérebro do cavalo é formatado para viver em manada. Portanto, se um ser humano deseja fazer parte desta manada, a primeira providência é aprender a linguagem deles e entender os porquês dos comportamentos apresentados. A partir disto será construído o caminho para a conexão desejada e ambos usufruirão do que há de melhor em viver em grupo.

É importante lembrar que os humanos também evoluíram para viver em grupo. Quando conseguimos compreender e respeitar nossas características e necessidades, bem como a dos cavalos, o convívio se torna prazeroso e coisas fantásticas acontecem.

Os cavalos têm vasta comunicação não verbal. Para tanto, a linguagem corporal é fundamental pois tem o propósito de evitar alarde e permitir

comunicação à distância, chegando a algumas centenas de metros, mesmo em dias em que há ventos fortes. Isto seria impossível de ser feito utilizando-se sons.

Os sinais de que estão calmos ou tentando demonstrar tranquilidade são: (i) lamber os lábios e fazer movimentos de mastigação; (ii) abaixar a cabeça; (iii) mexer a cabeça num eixo horizontal, bocejar, suspirar ou estrebuchar; (iv) desapoiar uma das patas traseiras; (v) piscar os olhos rapidamente e (vi) abanar a cauda lentamente e na horizontal. Na sequência, vamos falar mais sobre cada um desses gestos.

3.1) Lamber os lábios e fazer movimentos de mastigação.



Por não conseguirem respirar pela boca, mas apenas pelo trato nasal, quando eles estão nervosos (frequência cardíaca, respiratória e taxa de adrenalina altas) os cavalos têm a tendência de manter a boca fechada e os lábios cerrados. Ao diminuir o estresse, mesmo

que por um período curto de tempo, os lábios relaxam e eles sentem a necessidade de passar a língua úmida neles. Isto estimula também os movimentos de mastigação.

Este sinal é muito utilizado quando o cavalo quer mostrar tranquilidade e evitar conflito numa situação de proximidade a outro indivíduo. Procure observar este comportamento quando estiver demandando algo do seu cavalo, mas sem estar montado, como por exemplo, escovando, colocando a sela, guiando pela pista ou saindo da baia. A frequência desejada com que o cavalo apresenta este comportamento quando estamos lidando com ele é de aproximadamente duas vezes por minuto. Este é um ótimo sinal de que ele está tranquilo na sua presença.



3.2) Abaixar a cabeça.

Este é outro comportamento bastante comum quando o nível de estresse está baixo. Contudo, abaixar a cabeça e colocar as orelhas para trás é um sinal de agressão iminente. Mas o comportamento agressivo quando a cabeça está baixa é tão intenso e característico, que é impossível confundir.

Já a cabeça baixa indicando tranquilidade se dá quando o cavalo simplesmente e lentamente coloca a cabeça na mesma linha horizontal da cernelha ou ainda mais abaixo desta. As orelhas, neste caso, não estarão apontando para trás. Este sinal pode ser produzido, inclusive, durante o trote ou galope, além é claro, de quando ele está parado.



3.3) Mexer a cabeça num eixo horizontal, bocejar, suspirar ou estrebuchar.

Estes são sinais bastante utilizados quando há distância de alguns metros entre o cavalo que quer transmitir sinal de tranquilidade e outro indivíduo, que pode ser outro cavalo ou um ser humano. Este tipo de sinal é mais utilizado quando a distância é de alguns metros porque é fácil de ser visto e não produz ruídos elevados. Contudo, o cavalo pode se comportar desta maneira mesmo quando a distância é de poucos centímetros.



3.4) Desapojar uma das patas traseiras.

Desapojar uma das patas traseiras é uma maneira bastante sutil e silenciosa de mostrar tranquilidade. Quando o cavalo está nervoso ele pode tanto ficar com as quatro patas totalmente apoiadas e estáticas sobre o solo, quanto mover uma ou mais delas de maneira rápida e agitada, batendo no chão com força.

Desapojar uma das patas traseiras só é possível quando as outras três estão imóveis. Além do mais, desapojar uma das patas traseiras significa que ele não está pronto para partir, uma vez que a propulsão dos cavalos é principalmente feita pelas patas traseiras, exigindo apoio de ambas sobre o solo para uma propulsão potente. Ou seja, ao desapojar uma das patas traseiras, o cavalo está avisando que está tranquilo.



3.5) Piscar os olhos rapidamente.

Quando o cavalo está nervoso ou agitado, as pálpebras ficam mais abertas e a frequência das piscadas diminui. Ao se acalmar, o cavalo passa a piscar frequentemente para diminuir o ressecamento causado pela exposição excessiva do globo ocular à poeira devido ao tempo maior em que os olhos ficaram abertos.



3.6) Abanar a cauda lentamente e na horizontal.

A cauda abanando ou parada e relaxada significa tranquilidade. Contudo, os movimentos devem ser horizontais, uma vez que movimentos rápidos e verticais da cauda indicam nervosismo e agressividade. Isto se dá porque a contração dos músculos extensores da coluna (envolvidos no movimento de escoicear projetando a anca para cima) facilita a contração dos músculos da cauda responsáveis por movimentos verticais, mas não movimentos horizontais.

Por outro lado, apontar as orelhas para trás, colocando-as muito próximo à nuca é um exemplo de gesto que indica agressividade. Apesar de ser esta a posição das orelhas durante uma luta, este gesto é usado na maioria das vezes para evitar confronto. É uma espécie de último aviso antes de partir para vias de fato; é um blefe. Elevar uma das patas e batê-la fortemente no chão também é uma espécie de aviso que antecipa a agressão.

Todos estes exemplos dizem respeito à comunicação, quer seja na forma de gestos ou rituais. A questão é que se nós conhecermos a linguagem deles e respeitarmos seu modo de ver o mundo, evitaremos conflitos, frustrações e sofrimento de ambas partes. A comunicação homem/cavalo abre caminhos para o cavalo mostrar sua exuberância mesmo quando vivendo no mundo artificial que criamos.

Cavalos são naturalmente claustrofóbicos, desconfiados e susceptíveis a ataques de pânico. Ao entendê-los e respeitarmos suas reações, podemos ajudá-los a se tornarem corajosos, responsivos e calmos. Assim, se quisermos nos comunicar adequadamente com os cavalos, temos que entender o significado da linguagem corporal deles, seus rituais e como eles percebem o mundo que os cerca. A comunicação é apenas uma parte. Conhecer quais situações geram tensão e desconforto físico ou mental e quais os acalmam, bem como o que esperar como reação a elas é fundamental. O conjunto de reações que os cavalos apresentam

face às interações com o meio e com outros indivíduos é fruto de uma evolução, em curso, cujo início se deu há milhões de anos. Isto vale para qualquer espécie. Por exemplo, se um cavalo se apavora e parece perder totalmente o controle ao passar ao lado de um caminhão, temos que entender o que aquele caminhão representa para ele, não para nós. O cérebro dele é preparado para os desafios do mundo selvagem, não do criado pelo homem. Cada imagem percebida por ele terá uma associação com algo aprendido pela espécie ao longo da evolução somado àquilo que foi aprendido desde o nascimento daquele indivíduo. A intensidade da resposta depende também da índole.

No caso de se tratar de um cavalo extremamente reativo, a resposta será intensa e explosiva. Caso contrário, a resposta tende a ser pouco intensa. Mas eu falarei sobre índole e personalidade dos cavalos num outro e-book.

Nada nos falta se desejarmos incluir cavalos em nosso convívio. Basta aplicarmos os

conhecimentos já disponíveis em abundância e ainda em franca evolução. Vivemos hoje a melhor época para conviver com cavalos. Nós não precisamos deles como força de trabalho ou arma de guerra, pois a tecnologia atual os dispensou destes papéis há muito tempo. Hoje temos o privilégio da escolha. Conviver ou não com cavalos é decisão nossa. Fazer com que eles escolham conviver conosco dependerá do nosso conhecimento sobre eles, habilidade de comunicação interespecie e de quanto os respeitamos.

RECONHECIMENTO MÚTUO



A comunicação é a base do convívio. Entre os cavalos, esta se dá essencialmente com muita linguagem corporal e poucos sons. Cavalos são capazes de reconhecer membros da manada, assim como criar novos vínculos. Há relatos de grupos de cavalos que, ao se encontrarem num bebedouro natural, bebem água juntos e se afastam para pastagens diferentes. Contudo, alguns membros de um grupo partem com o

outro grupo. Este tipo de comportamento faz muito sentido se pensarmos na necessidade evolutiva de diversificação do banco genético. A imagem a seguir mostra o momento em que um cavalo, ao passar pela janela da baia de outro que acabara de chegar ao rancho, para e inicia um processo de reconhecimento mútuo. É muito importante prestar a atenção nestes momentos e permitir que o cavalo, mesmo sendo guiado por nós, permaneça algum tempo neste tipo de ritual. É assim que eles exercitam sua natureza social e fortalecem a capacidade de interagir, inclusive com os humanos.



MUITA COMUNICAÇÃO COM POUCOS SONS

Cavalos se comunicam para fortalecer um vínculo já existente ou para fazer novo vínculo. Nas próximas imagens pode-se observar uma sequência de posturas bastante recorrentes quando dois cavalos realizam um ritual para fortalecer vínculo. Neste caso, um deles, um macho castrado (alazão), toma a iniciativa de interação com uma fêmea. Ela, desconfiada, se move muito pouco e na maior parte do tempo procura manter a cabeça elevada (da linha da cernelha para cima) e os lábios cerrados, apesar de aceitar a presença dele dentro do seu espaço individual.



O macho alazão faz força para abaixar a cabeça da fêmea. Este é um ritual de conexão.

Ele, visivelmente relaxado, orelhas em posição neutra e com os lábios se movendo lentamente, tenta primeiramente abaixar a cabeça dela (sem sucesso) e depois mordiscar o dorso, cernelha, pescoço e região da bochecha e ganacha.



Ela não permite que sua cabeça seja forçada para baixo e ele, então, passa a mordiscar o pescoço e o dorso dela.



Ainda com a cabeça erguida, ela se posiciona para cheirar a região genital dele.



Ele insiste na conexão ao tocar novamente a região dorsal do tronco dela. Mas a cabeça dela ainda está elevada e o corpo em posição que demonstra altivez e pouco interesse.

Todas as regiões da égua tocadas pelo alazão, nuca, pescoço, cernelha e dorso, têm conexão com gânglios nervosos diretamente ligados ao sistema autonômico parassimpático, produzindo o efeito de diminuição da frequência cardíaca, sendo assim uma espécie de calmante.



Ela começa a demonstrar interesse nele.

Finalmente ela aceita a interação, mas antes faz uma encenação de dominância ao emitir um som agudo e intenso (uma espécie de grunhido), posicionar as orelhas para trás (próximas à nuca) e bater fortemente uma das patas dianteiras no chão.



Ela bate a pata
dianteira esquerda
fortemente no
chão, emite um som
agudo e posiciona
as orelhas para trás.

Logo após, ambos abaixam a cabeça e mutuamente se cheiram na região genital.



Momento em que eles intensificam a comunicação ao cheirarem mutuamente a região genital.

Rituais de animais que são presas ocorrem frequentemente assim. Muita comunicação com poucos sons.



Neste e-book, compartilho com vocês algumas informações iniciais sobre o comportamento dos cavalos. Aos poucos trarei mais temas relacionados a esta fascinante espécie.

Há mais de uma década, quando

comecei a estudar o comportamento dos cavalos e compreender seus medos, reações, percepções e rituais, confesso que fiquei muitos meses sem cavalgar. Ao iniciar meu aprendizado em como fazer o chamado “trabalho do chão”, ou seja, me comunicar com eles sem estar montado, percebi quão mais efetivo, seguro e revelador é iniciar o contato e o preparo do cavalo muito antes de montá-lo. Entendo que montar sobre o cavalo e ter os comandos compreendidos por

ele seja uma consequência dos fundamentos já aprendidos desde os primeiros encontros.

Quando vamos escolher um cavalo para fazer parte de nossa vida, seja qual for o objetivo, temos dezenas de variáveis que pesam na escolha. Podemos escolher o cavalo pela raça, pelagem, gênero, valor, aptidão física, desempenho atlético, índole, etc. Compartilho com vocês um pensamento que mudou a maneira como busco conexão com os cavalos: considerando as dezenas de opções que tive na hora de escolher um determinado cavalo, uma vez tendo optado por trazê-lo para meu convívio, coloco todo meu conhecimento, foco e empenho para desenvolver atitudes e comportamentos que façam aquele cavalo escolher a mim para fazer parte da vida dele. A conexão só ocorre quando é o cavalo quem busca o homem, não o contrário.

Espero ter ajudado.

Forte abraço,

Ulysses Ervilha.



Experientia Equus



@experientiaequus



contato@experientiaequus.com.br

www.experientiaequus.com.br

Luís
FOTOGRAFIA